

INDUSTRIALIZAÇÃO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NO ALENTEJO: DA PIRITE DE S. DOMINGOS AO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ

Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira

Resumo: A região do Alentejo, pese embora a sua génese agrária, conheceu a partir de meados do século XIX uma progressiva modernização industrial, na qual se destacam as explorações dos recursos minerais do subsolo.

Esta actividade extractiva milenar desenvolveu-se, já em moldes modernos, para o século XIX em torno da Pirite do Baixo Alentejo, à qual se lhe juntaria no século seguinte os mármore do Anticlinal de Estremoz.

Estas explorações constituem focos de uma industrialização singular em contexto rural, afirmando-se como especificidades sub-regionais, paralelas ao “quadro tradicional” do Alentejo, marcado pela paisagem de trigo e montado. Pela importância dos seus recursos geológicos, estas explorações constituíram-se como agentes activos na criação de locais patrimoniais, ao darem origem não só a um património industrial riquíssimo, como também a paisagens em constante transformação.

A exploração de uma mina ou pedreira requer a agilização de múltiplos processos. Tratam-se de obras de engenharia, demarcadas pelo seu tempo histórico, acompanhando ciclos produtivos e limitadas pela duração da utilidade da matéria extraída. Para isso, convocavam elementos precisos da ciência e da técnica, cujo resultado final se apresenta perante a modificação definitiva do solo e do subsolo, deixando na sua paisagem sinais evidentes de focos de industrialização nacional, passíveis de serem equiparados à áurea europeia.

Palavras Chave: Alentejo; Indústria; Paisagem; Pirite; Mármore.

INDUSTRIALIZATION AND ALTERATION OF THE LANDSCAPE IN ALENTEJO: OF THE PYRITE OF SAINT SUNDAY TO THE MARBLE OF ANTICLINAL DE ESTREM OZ

Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira

Abstract: The Alentejo region, although it's agrarian roots, knew in the mid XIX century, a progressive industrial modernization, in which the exploration of underground mineral resources is highlighted. This millennia old extractive activity developed, in recent molds, for the XIX century revolving around the Baixo Alentejo pyrite, and joined, during the next century, by the marble in the Estremoz anticlinal.

These mining explorations represent a singular industrialization focus in a rural setting, asserting themselves as a sub regional characteristic, alongside the Alentejo "traditional frame", in a landscape marked by wheat and farm animals. Due to the importance of their geological resources, they were defined as agents, that actively created patrimony, giving rise not only to a rich industrial heritage but also to landscapes in constant transformation.

The exploration of a mine or quarry requires a streamline of multiple processes. These are engineering achievements, marked by their historical time, accompanied by productive cycles and limited by the duration of the usefulness of the extracted matter. To this end, they required precise elements of science and technique, ending in a definitive modification of the soil and underground, leaving an evident industrial trail in the national landscape, capable of being matched to the European aura.

Keywords: Alentejo; Industry; Pyrite; Landscape; Marble.

INDUSTRIALIZAÇÃO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NO ALENTEJO: DA PIRITE DE S. DOMINGOS AO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ

Armando Quintas⁹⁰ e Vanessa Alexandra Pereira

1 - INTRODUÇÃO

A exploração dos recursos minerais do subsolo é uma actividade milenar e cíclica, dependente da conjuntura de cada época histórica. A partir do século XIX com a revolução industrial, ganha uma importância cimeira na economia mundial que ainda hoje mantém, pelo seu papel de “abastecedora” das matérias-primas tão necessárias a um desenvolvimento industrial que então se vinha efectuando a um ritmo acelerado.

Em Portugal a actividade mineira e de exploração do subsolo, efectuada já em moldes modernos, acaba integrada na sua fase de arranque, na política da Regeneração, regime político que vigorará de 1852 até 1890 e cujo objectivo passava pela modernização do país através da implantação e melhoria de infraestruturas, introduzindo caminhos de ferro, novos processos produtivos e de construção de rodovias, pontes metálicas, etc.

Este regime político, liberal e de livre comércio, via nos recursos do subsolo (a par do vinho e da cortiça) uma fonte de receita apetecível cujas exportações seriam o contrapeso na balança comercial das continuas importações de maquinaria e matérias-primas [Cabral:1979,58-99].

⁹⁰ Investigador do CIDEHUS apoiado pelo Projecto UID/HIS/00057/2013 - POCI-01-0145-FEDER-007702

Para enquadrar a actividade mineira, é então lançada a Lei de Minas de 1852, legislação que viria a possibilitar grandes investimentos estrangeiros a fim de satisfazer as crescentes necessidades de matérias-primas por parte das indústrias transformadoras da Europa Central.

É precisamente neste contexto que se dá a modernização tecnológica do Alentejo, que assentará nas indústrias de transformação da cortiça, da moagem de cereais, na indústria têxtil e claro na mineração. Em relação a esta última, os casos mais emblemáticos reportam a duas mineralizações distintas, tanto no espaço como no tempo, mas amplamente convergentes na sua importância económica e na transformação da paisagem envolvente. São elas: ainda na segunda metade do século XIX a exploração de minérios metálicos, com destaque para as minas do Alentejo, na zona portuguesa da Faixa Piritosa Ibérica: Aljustrel, Neves Corvo, Lousal e S. Domingos, todas elas no distrito de Beja, [Guimarães:2006, 151-162].

E uma segunda fase, já na década de 1920, referente à exploração dos Mármorees do Alentejo, mais precisamente dos concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. [Alves:2015]

2 - A EXPLORAÇÃO DA PIRITE E O CASO DE S. DOMINGOS

O processo de industrialização da mineração portuguesa, em paralelo com o caso espanhol, conheceu o fenómeno da “febre mineira” que intersectou o sul da Península Ibérica, na segunda metade do século XIX.

Tal paralelo teve que ver com o facto da contemporaneidade dos dois processos de industrialização, muito semelhantes, bem como de uma realidade comum entre os dois países, motivados pela existência da faixa Piritosa Ibérica (Fig.1). Trata-se de uma área geográfica ao sul da península com cerca de 250 Km de extensão por 50 km de largura, constituindo-se como um dos mais ricos chapéus de ferro da Europa, o que permitiu a que durante um século as suas explorações, de ambos os lados da fronteira, se tornassem de suma importância para o abastecimento dos grandes centros mundiais. Neste território eram extraídas as pirites, que numa primeira fase rentabilizavam o apreciável cobre e mais tarde usadas para a extracção de enxofre para produção de ácido sulfúrico.

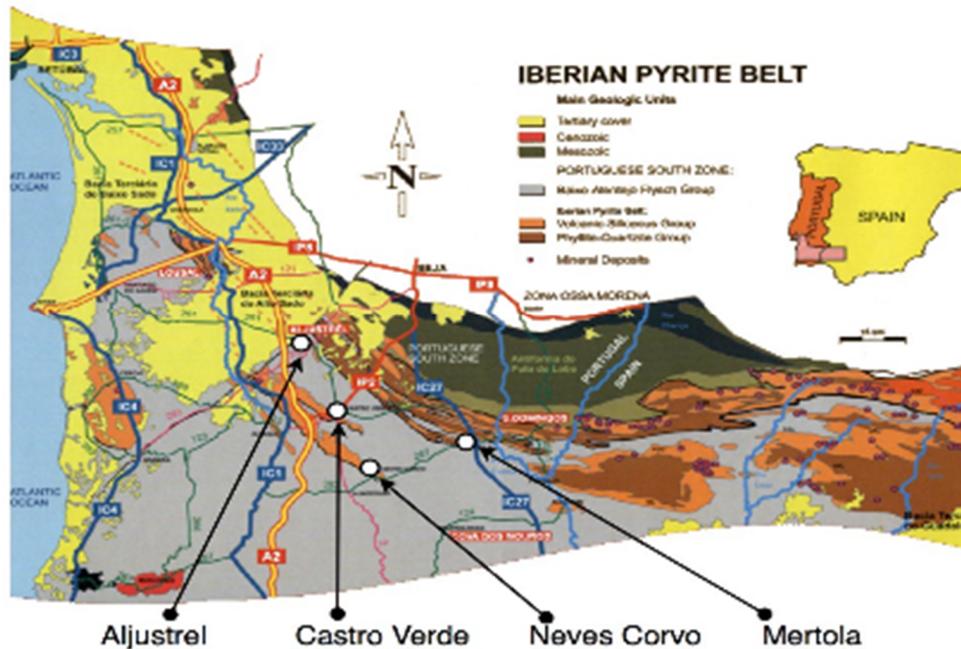


Fig. 1: Empreendimentos Portugueses da faixa Piritosa Ibérica

Ora, enquanto Espanha prosperava com as pirites de Tharsis e Rio Tinto, Portugal teve nas explorações de Aljustrel e S. Domingos os casos mais paradigmáticos das indústrias extractivas do Alentejo. Redescoberta em 1854, dez anos bastaram para que esta última fosse apontada como a mais importante do seu tempo no comércio europeu de pirite, primeiramente com as aplicações industriais do seu cobre, e numa segunda fase, do seu enxofre. [Quintas e Pereira:2016]

Ao longo da sua história, S. Domingos foi ímpar na edificação do complexo industrial necessário à exploração, assim como na realização de experimentos laboratoriais conducentes à adaptação industrial dos planos de lavra, atendendo aos ciclos económicos que se sentiam. A planificação mineira preparava-se criteriosamente no seio das estruturas que a administração ergueu, à luz da consciência de que uma adaptação às confluências do próprio tempo significava a prosperidade da produção. Localizada em plena Faixa Piritosa Ibérica, e operando com base nos grandes moldes industriais britânicos, estima-se que em pouco mais de um século (1854-1866), tenham sido extraídas 25 milhões de toneladas de minério. À semelhança das companhias espanholas, o sucesso da mina de S. Domingos tinha a sua fundação no contexto de origem da exploração: um investimento colectivo rigorosamente organizado, congregador de conhecimentos empresariais, industriais, bancários e intelectuais do meio mineiro europeu. Na verdade, conhecer a instalação industrial desta mina, é compreender que os laços que ligavam

estes homens assentavam num quadro de interesses complexo, que transcendia a administração mineira em questão, e por vezes, as próprias fronteiras territoriais. De facto, a documentação revela a existência de uma ampla rede de influência, bem como a importância de outros indivíduos para o desenvolvimento da indústria, para além de James Mason, o director da companhia concessionária da exploração, a Mason and Barry.

São os homens fortes da direcção, munidos de uma rede ampla de conhecimentos, e os que frequentemente protagonizavam a resolução dos assuntos. Não é por isso atípico verificar-se que, na história da construção destes empreendimentos, as relações entre os empresários mineiros espelhavam o que demais se passava na órbita económica e financeira dos territórios. A composição deste corolário possibilitou à administração inglesa de S. Domingos ser pioneira em alguns processos industriais.

Materializações que, uma vez encimadas pela autoridade de Mason, resultaram na consagração estatal dos seus feitos, sob os títulos nobiliárquicos de Barão do Pomarão e Visconde de S. Domingos, em 1866 e 1868 respectivamente. Simultaneamente, Mason cimentava-se como grande patrono da indústria, negociando com a burguesia local e ampliando a sua esfera de interesses. É conveniente evocar que se trata de uma época de abertura à penetração do capital estrangeiro, com a confirmação do princípio da liberdade mineira, através da Lei de Minas de 1852. A Regeneração orgulhava-se dos seus homens e daquilo que perpetuava os valores mais progressistas do seu ideário.

É no estudo da conjuntura económica e política deste tempo, que se torna possível entender o desequilíbrio de poderes subentendido na legislação industrial, e maioritariamente benéfico às explorações. Com efeito, isto permitiu a Mason consolidar-se como o arquétipo da mineração no distrito de Beja, tendo sido a conjugação destes factores que levou a que o couto mineiro de S. Domingos fosse conhecido como «um Estado dentro de outro Estado».

Portanto, tendo sido apresentadas algumas dinâmicas tácitas à construção imaterial de S. Domingos, importa perceber o cruzamento com a construção material, e de que modo se articula com a alteração da paisagem. Neste caso, identidade e paisagem são conceitos intrínsecos, resultantes de uma experiência industrial intensiva e extensiva, constituídos por uma envolvente social e ambiental. O actual território da Mina é, nada mais, do que o produto da mina industrial. Neste sentido, distingue-se como um dos locais patrimoniais mais notáveis do Alentejo, onde a acção industrial originou e modelou as comunidades resultantes do seu exercício, a par da alteração da paisagem natural.

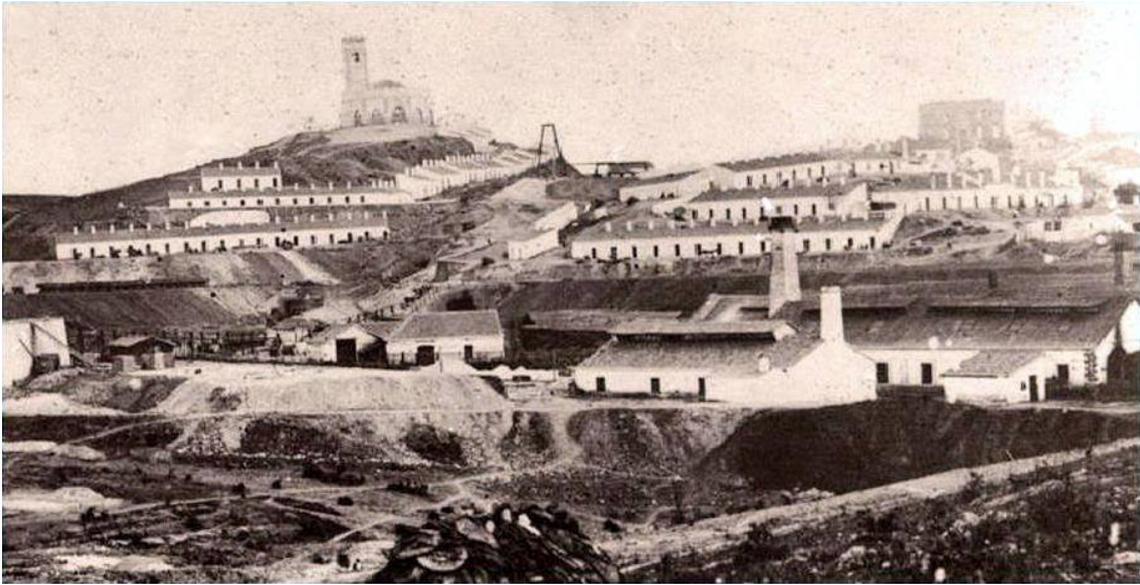


Fig. 2: Aldeia primitiva da Mina de S. Domingos. C 1867 (Jorge Custódio, 2013)⁹¹

Como tal, este estabelecimento reportava a uma obra demarcada pelo tempo histórico, que acompanhando ciclos económicos e industriais, estava obrigado a vários ajustamentos face às movimentações dos mercados externos. Para isto, desde a boca da mina até ao Guadiana, o complexo mineiro edificou-se num longo percurso de estruturas produtivas e metalúrgicas, contando também com uma via férrea de 17 quilómetros para transporte do minério até ao porto fluvial. Deste ponto, a exportação fazia-se pelo rio até Vila Real de Santo António, e daí para Inglaterra, em embarcações da própria empresa. O caminho de ferro, inaugurado em 1862, foi uma das grandes vantagens tecnológicas de S. Domingos, viabilizando o rápido escoamento por via marítima, e um símbolo de competitividade entre as minas de pirite ibéricas. A par da linha ferroviária, outros dos grandes feitos da administração de S. Domingos foi a construção da central eléctrica, a primeira na região do Alentejo.

Ainda nas proximidades da boca da mina, estabeleceu-se em 1860 a Achada do Gamo, onde se efectuava o processamento do minério para obtenção do cobre e enxofre. Durante a sua existência, a Achada do Gamo experimentou diferentes processos metalúrgicos, sendo um deles patenteado pelo próprio James Manson. Estas unidades industriais foram muitas vezes mote para o debate e contestação das populações locais, insurgidos contra os processos químicos que comprometiam o equilíbrio da envolvente, e cujo impacto ambiental acarretava sérios danos para a agricultura e saúde. Da intensa actividade industrial que aqui se verificou, restam as

⁹¹ À esquerda a primeira igreja, e à direita o primeiro palácio de James Manson, onde posteriormente se procederia ao desmonte da serra que daria origem à corta, no âmbito do II plano de lavra do Administrador.

ruínas das estruturas industriais e vastas escombrelas de escórias de minério.

Ao longo desta área, ergueram-se algumas habitações para assegurar o funcionamento da actividade industrial, dando lugar a pequenos povoados mineiros. Afinal, o aparecimento de localidades ou pequenos focos de habitação decorrentes da implementação de indústrias era um fenómeno comum. Presentemente, resistem as aldeias que devido ao papel fundamental na exploração, acabaram por adquirir maiores dimensões. São elas a própria Mina de S. Domingos, nascida em redor do jazigo e que albergava a maioria dos trabalhadores e administração, e o Pomarão, onde foi fixado o cais de embarque. A aldeia é a consequência final da modificação da paisagem pela via industrial, e é o elemento que define a dicotomia entre o espaço industrial e o espaço público. A actuação da companhia desencadeou a formação dum novo modelo de comunidade e localidade, com um aglomerado populacional cuja vida estava directamente ligada ao trabalho. [Guimarães:2001,197]

A formação da comunidade relacionava-se com a acção do patronato e achava-se vinculada à construção dos bairros mineiros. Com o decorrer da industrialização, a própria povoação também ia ganhando uma extensão cada vez mais ampla, para além do espaço físico dos bairros operários, compondo a comunidade e a génese da identidade. As aldeias mineiras surgiam como que acidentalmente [Vasconcelos:1967,266-268] para atender às necessidades industriais [Alves:1997,56], sendo então agregados habitacionais de crescimento rápido. Em rigor, só na primeira década de produção, a Mina de S. Domingos já contava com várias estruturas para diferentes fins: oficinas, armazéns, palácio da administração, residências para os empregados ingleses, casas para os operários, laboratórios químico e fotográfico, sala de desenho técnico, escola, hospital, farmácia, quartel, igreja católica e cemitério inglês.

Em 1867, em sequência da necessidade de optimização e de adaptação aos mercados, no âmbito do segundo plano de lavra elaborado por Mason, a serra de S. Domingos, onde se localizava o depósito mineral, foi alvo de desmonte para se proceder à lavra a céu aberto. Para o efeito, foi aberta uma corta com cerca de 120 m de profundidade, com uma rede de galerias e poços desenvolvida até aproximadamente 420 metros abaixo da superfície, fazendo uso dos antigos trabalhos deixados pela Antiguidade. Depois da exploração do minério rico, à superfície do chapéu-de-ferro, sobrevinha agora o minério mais pobre. Para a sua extracção e aproveitamento, os trabalhos tinham de ser realizados não em extensão, mas em profundidade. O desmonte da serra obrigou a uma reorganização do povoado praticamente total, mantendo-se somente o antigo hospital, o cemitério inglês, e algumas habitações a poente da corta, na disposição geográfica que é possível observar hoje.



Fig. 3: Trabalhos de desmonte da serra de S. Domingos, c. 1860, autor desconhecido

Neste processo, a hierarquia social ficou bem delimitada. A administração e os seus colaboradores deslocaram-se para oeste, o designado “bairro dos ingleses”, bastante distanciado das habitações dos operários. Aqui foi construído o segundo palácio de James Mason, que actualmente serve fins turísticos. No centro do bairro, um coreto, rodeado por um jardim, próximo de campos de golfe e ténis. Toda esta área estava arborizada por eucaliptos recentemente plantados, condição imposta pelo governo após a entrega do relatório do geólogo Carlos Ribeiro, por forma a amenizar o impacto ambiental causado pela exploração.

A Mason and Barry garantiu total autonomia e dinamismo à localidade mineira, com a edificação de novos edifícios escolares, hospital, farmácia, igreja e cemitério católicos, quartel da Guarda Nacional Republicana, posto para a Polícia de Segurança Pública do distrito, posto de correio, mercado, cineteatro, biblioteca e campo de futebol. Mas por outro lado, isto acabava também por corresponder a uma estratégia de enriquecimento moral da população, prática comum em algumas zonas de desenvolvimento industrial, por forma a conter tensões e evitar conflitos. [Martins:2013,15]

No cômputo final, o desenvolvimento das explorações mineiras na Faixa Piritosa Ibérica, estando enredado em fortes dinâmicas internacionais, sempre foi muito dependente da evolução e adopção dos processos técnicos, visando-se a redução de custos e o eficiente aproveitamento dos diferentes metais dos sulfuretos e do enxofre. Esta era a base do seu aproveitamento útil e

económico, que inscrita na lógica de uma linha condutora de gestão e estratégia empresarial, se fundeava no fenómeno da industrialização europeia oitocentista, do seu capitalismo industrial, e das concepções britânicas de crescimento económico.

3 - OS MÁRMORES DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ

Tal como a exploração de minérios metálicos, a extracção e transformação do mármore também se vinha realizando há muito, sendo por isso uma indústria também milenária e cíclica, contudo ao contrário daquelas minas, a sua modernização acabou por ser tardia, quer no contexto nacional como internacional.

A lei de Minas de 1852 projectada para desenvolver as explorações do subsolo não se lhe adequava, estando mais pensada para as grandes minas de cobre, ferro e outros metais e pouca influência terá exercido. Já o Regulamento de Lavra de Pedreiras de 1884 acabaria por influenciar outras extracções rochosas que não o mármore, em especial o caso das Lousas de Valongo que já em finais do século registavam uma intensa modernização industrial. Algum aumento de utilização deu-se mais por conta de necessidades circunscritas como obras funerárias e as obras de fim do século em Lisboa, mas o seu desenvolvimento industrial em moldes modernos apenas chegaria grosso modo já na década de 1920, fruto de investimentos estrangeiros. [Alves:2015]

Ainda que existissem vários núcleos de exploração importantes no país, como era o caso de Pêro Pinheiro, em Sintra, vai ser no Anticlinal de Estremoz (concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa) que a principal exploração nacional se vai concentrar e a sua razão de ser prendia-se com a qualidade e quantidade das jazidas de mármore.

O Inquérito Industrial de 1890 já nos revela a importância deste território, augurando os seus relatores um grande futuro à sua indústria, mostrando que em época de desenvolvimento acentuado das ciências naturais, com destaque para a geologia, as qualidades destas jazidas não eram desconhecidas, até pelo contrário, pois se conheciam inúmeros vestígios e testemunhos de aplicação deste mineral em épocas anteriores. [Inquérito Industrial:1891]

Representa este território, a que a geologia denomina como Anticlinal de Estremoz, uma das principais unidades tectono-estatigráficas do orógeno hercínio, que se desenvolveu entre os períodos Devónico e Carbónico, ou seja há 400/500 milhões de anos.

Num espaço de aproximadamente 40 km de extensão por 15 km de largura, compreendendo essencialmente aqueles três concelhos alentejanos, encerra-se a maior reserva do país, cujo

mármore cristalino de excelente qualidade (brancos, cremes, rosas, etc.) consegue não só rivalizar com outros centros produtores, como ainda tem estimado em reservas uns 100 milhões de metros cúbicos a um aproveitamento de apenas 20%, o que configura mármore para mais cerca de 2000 mil anos de exploração. [Cartografia Temática:2008; Quintas:2016]

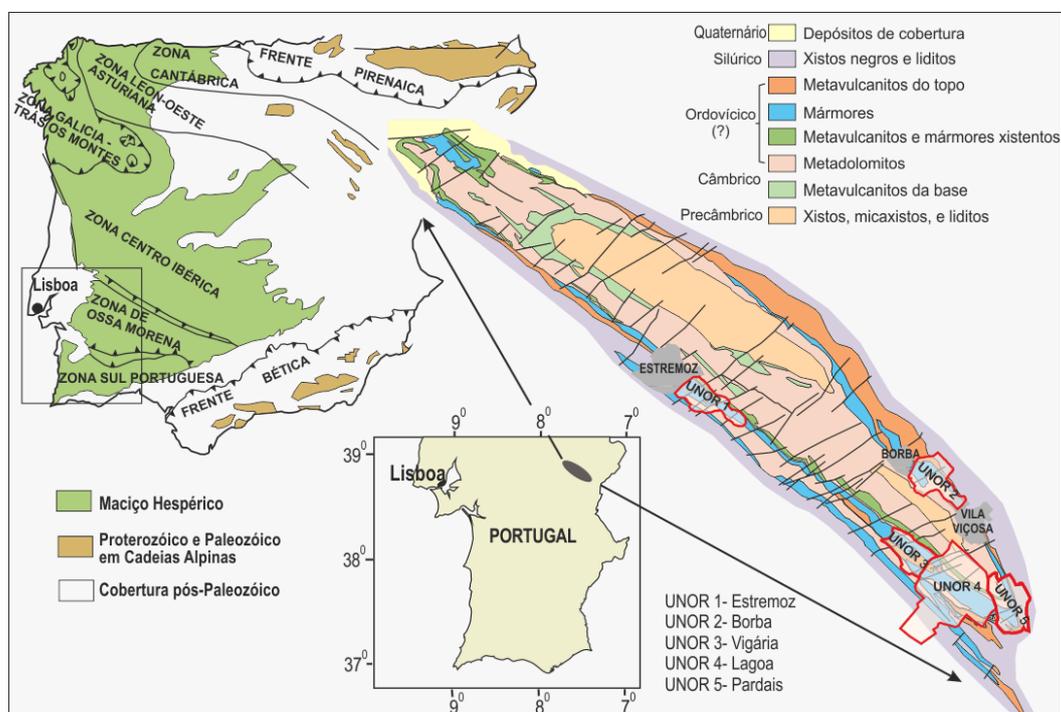


Fig. 4: O Anticlinal de Estremoz (Carta Geológica do Anticlinal 1997 IGM)

A situação que antecedia o desenvolvimento desta indústria caracterizava-se pela exploração de pedreiras através de métodos rudimentares, onde imperava o uso de ferramentas manuais e a força muscular humana e animal. O território do Anticlinal, parco em dimensão, mas rico em excelentes minerais marmóreos, logo que terminado o primeiro conflito mundial, assistiu à chegada de grandes empresas exploradoras, que detentoras de grandes capitais, tecnologia e conhecimentos técnicos iriam proceder a uma exploração mais intensiva de grande envergadura, com finalidade de exportação para os grandes mercados mundiais, alimentando assim as necessidades de mármore em termos artísticos e arquitectónicos.

Com um território abrangendo 3 concelhos, a implantação destas empresas foi difusa, variando nas circunstâncias, desde o conhecimento de jazidas aos contractos conseguidos com os donos das terras e a partir de 1918 começam-se a encontrar registos da sua chegada. Nesse ano estabelece-se a *Sociedade dos Mármore e Cerâmicas de Estremoz e Borba*, que se destacou pela introdução de tecnologia inédita na região: o processo de corte por fio helicoidal, mas cuja duração do empreendimento seria efémera, já que encerrou em 1922.

No ano seguinte é seria a vez da *Sociedade dos Mármore de Portugal*, dirigida pelo engenheiro de minas Félix Ribeiro, com um capital de 500 contos e que lançaria a marca comercial Rosa Aurora. Em 1927 a *Sociedade dos Mármore de Sousa Batista*, empresa de Pêro Pinheiro, fundada 6 anos antes e que de dedicava a produzir peças para edificado e decoração doméstica em vários materiais, entre os quais, de mármore. Em 1928, a *Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa*, fundada e dirigida pela elite local desta vila, contando com o industrial de cantaria Bom-Filho Faria, bem como a *Solubema - Sociedade Luso Belga de Mármore S.A.* [Quintas:2016]

Esta última seria sem dúvida a mais importante de todas elas. Surgida com a chegada de investidores belgas, a convite do engenheiro de minas Leopoldo Portas, que se tornaria sócio-gerente, a partir de um investimento de capitais mistos, de vários industriais portugueses (Pardal Monteiro, Sousa Batista, etc.) e industriais e empresas belgas. Foi em grande medida o resultado de um investimento comercial expansionista efectuado pela principal empresa belga de exploração de mármore: a *Société Anonyme de Merbres-Sprimont*. Esta sociedade, originária de Merbres-le-Château, no distrito de Thuin, região da Valónia, vinha fazendo investimentos semelhantes um pouco por toda a Europa, possuindo já centros produtores (pedreiras) na França, Itália, Alemanha, Grã-Bretanha e Holanda, bem como em Marrocos, contando ainda com uma rede comercial que já abarcava os cinco continentes.

Seriam os belgas, os principais responsáveis pelo grande salto tecnológico verificado na década de 1920/1930 nas pedreiras do Alentejo e do país, fruto da sua industrialização precoce e da sua experiência no ramo, que já datava do século XVIII. [S.A. Merbres-Sprimont:1928]

A estas empresas que marcam a fase inicial da modernização industrial da exploração dos mármore do Alentejo e de Portugal, verdadeiros motores da modernização e industrialização, muitas outras se lhes seguiriam nas décadas seguintes. Os empreendimentos encetados viriam a ter uma grande influência quer nas comunidades já existentes, quer no território circundante, moldando-o e sobretudo transformando-o profundamente, criando as raízes da densa paisagem industrial que hoje nos é dada a observar.

Os ritmos de produção alcançados por estes investimentos industriais seriam surpreendentes: se em 1885 atingiam poucas dezenas de metros cúbicos de mármore extraídos (Borba com 3 pedreiras rondava os 250 metros cúbicos/ano e Estremoz com 4 pedreiras rondava os 5 metros cúbicos/dia), em 1910 já atingiam 121 toneladas de mármore em bloco, para em 1930 chegarem às 2811 toneladas [Mapa de Pedreiras em Lavra:1885; Portas:1931, 481-482], e tal era a magnitude sempre crescente desta produção, que em vésperas da entrada de Portugal na CEE, em 1986, contabilizava já cerca de 18182 toneladas, sendo responsável por 6000 postos de

trabalho. [Filipe:2015,57-93]

Tais alterações produtivas só seriam de alcançar com uma evolução tecnológica que acabaria por deixar invariavelmente a sua profunda marca na paisagem.

Até aí a lavra de pedreiras que vinha sendo efectuada, era de pequena escala e as mesmas pouco aprofundavam, com 5 a 10 metros, registando uma actividade intermitente com extracção de pequenas quantidades para suprir uma necessidade pontual, com os materiais sobrantes a serem rentabilizados para actividades conexas como a produção de cal e de objectos utilitários, sendo a paragem da exploração seguida invariavelmente da conquista desse terreno pela vegetação circundante (Fig.5).



Fig. 5: Pedreira de Santo António de Estremoz, inícios do séc. XX(AHM .CM .Estremoz)

Para que se pudessem registar valores de produção como os que acima foram descritos, existiu uma necessidade de adoptar novas formas de explorar as pedreiras com novas tecnologias, de forma a embaratecer o produto final destinado a um mercado cada vez mais competitivo.

Progressivamente, foram sendo adoptadas formas de exploração conducentes à diminuição do esforço humano, substituindo por exemplo o arranque de pedra através do escopo manual e cunha de madeira para separar as massas através das fracturas naturais, pelo uso de perfuradoras a ar comprimido e uso do corte por fio helicoidal, mais rápido e mais económico obtendo uma grande massa de uma só vez. O arraste de blocos pela força braçal ou animal passou a ser efectuado por guinchos desmultiplicadores rapidamente motorizados e a condução das grandes pedras por carroças de enormes parelhas de bois, por tractores a vapor. Com a contínua exploração as pedreiras foram aprofundando cada vez mais e os limites de exploração começaram a ser ultrapassados na década de 1960 graças à electrificação da zona dos mármore, o que permitiu a instalação de gruas de grande porte para remover a pedra do fundo

da pedreira, já não por arrasto mas por elevação.

Se pelo ano de 1934, se procedia ainda ao desmonte até à profundidade de 18 metros sem outros recursos que a alavanca e o macaco, por meados do século passado estas explorações estão já a atingir a meia centena, para depois, com auxílio das grandes guias (de tipo Derrick), alcançarem na década de 1980 a centena de metros de profundidade. A expansão da indústria do mármore, actividade que passa a ser altamente rentável, marcará social e territorialmente a região, porque sendo geradora de postos de trabalho, molda as comunidades envolventes, dotando-as de uma cultura do mármore, seja em termos técnicos como culturais e identitários, provocando em simultâneo grandes impactos no território e alterando profundamente a paisagem.

Com a pedreira “moderna” a transição de uma paisagem agrária para uma paisagem industrial dá-se a um ritmo acelerado e as explorações iniciais dos núcleos mais antigos e conhecidos (Vigária, Lagoa, Barrinho, Santo António, Montes Claros, etc.) logo dá origem a um polvilhar de explorações.

À medida que cada vez mais empresas se vão instalando, logo as pedreiras se vêm vizinhas umas das outras, pois procedendo na maior parte por contractos de aluguer de longa duração, a actividade acaba circunscrita aos limites da propriedade, não restando senão a continuidade da actividade em profundidade. É assim que à velocidade da multiplicação de sociedades exploradoras, se dá a alteração dos usos do solo, numa zona onde impera a pequena propriedade, passando rapidamente as culturas dominantes de vinha, oliveira e montado, para uma actividade mais rentável: a exploração de mármore.

Como o objectivo de todos estes empreendimentos é claramente o lucro através da exportação para grandes mercados cada vez mais refinados, a tendência é para o crescente aumento da produção e diminuição do aproveitamento da matéria-prima, seja devido a fissuras naturais que a tornam quebradiça seja por questões estéticas. A juntar a isto, a excessiva especialização na extracção e o desaparecimento progressivo de actividades subsidiárias com particular interesse da produção de cal e cantaria utilitária e artística vão originar uma paisagem muito particular

Com o desenrolar desta indústria, a paisagem que se constrói é fortemente humanizada, onde impera a cota negativa de várias centenas de metros a contabilizar pelas centenas de explorações, bem como as cotas positivas representadas pelos inertes de pedra não absorvidos pelos mercados e acumulados nas grandes montanhas de pedra que são as escombrelas.

Assim a paisagem do mármore do Alentejo, caracteriza-se pelos inúmeros poços de exploração, pelas inúmeras escombrelas existentes e também pelas inúmeras guias presentes no território,

elementos identitários e factores de distinção paisagística.



Fig. 6: Paisagem do Anticlinal, Pedreiras de S. Marcos, 2016 (Arquivo CECHAP)

4 - NOTAS FINAIS

As paisagens das explorações dos recursos do subsolo, tributárias dos métodos usados e da própria época histórica, resultaram de uma transformação de tal ordem, que não podem ser consideradas apenas sobre o ponto de vista do malefício ambiental ou da estética horrível. São também construções humanas ao longo de séculos, produzidas a ritmos mais intensivos nas últimas décadas e um testemunho das vivências das comunidades humanas.

São também uma oportunidade para o desenvolvimento do território, seja ela a partir do modelo vigente de criação de postos de trabalho (o caso dos mármoreiros ou as restantes minas da faixa piritosa ibérica que permanecem activas), seja a através da dinamização do seu território e património a partir do factor cultural. Os territórios abordados, podem e devem ser desenvolvidos na óptica cultural, onde o turismo tem grande pertinência, para valorizar os monumentos existentes (inclusive os industriais), na região, no país e lá fora quando comparativamente ou então por via da aplicação da matéria-prima nacional, como forma de preservar as memórias das comunidades. Tirar proveito da conservação e restauro aplicando os mármoreiros originários, ou reabilitando uma paisagem fortemente poluída dedicando-a ao sector cultural e de fruição das comunidades, mantendo as autenticidades dos bens patrimoniais, em acções que não dispensam as pertinentes investigações históricas.

5 - BIBLIOGRAFIA

- Alves, Daniel (coord.). (2015). *Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua história (1850-1985)*, CECHAP
- Alves, Helena (1997). *Mina de S. Domingos: Génese, formação social e identidade mineira*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- Cabral, Manuel Villaverde (1979). *Portugal na Alvorada do Século XX. Forças sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914*, Lisboa, A Regra do Jogo
- Custódio, Jorge (2013). *Mina de S. Domingos. Território, História e Património Mineiro*, Lisboa, SOCIUS-ISEG
- Filipe, Carlos (2015). "Um crescimento pontuado por crises: a indústria e os industriais do mármore no século XX" *Mármore, Património para o Alentejo : Contributos para a sua História*. (Coord. Daniel Alves). CECHAP
- Guimarães, Paulo (2001). *Indústria e Conflito no Meio Rural. Os mineiros alentejanos (1858-1938)*, Lisboa, Edições Colibri e CIDEHUS-UE
- inquérito Industrial de 1890 (1891). Lisboa, Imprensa Nacional, Vol.1 - *Indústrias extractivas: minas e pedreiras*.
- Quintas, Armando (2015). "Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história" *Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História* (coord. Daniel Alves), CECHAP
- Quintas, Armando (2016) "As grandes empresas portuguesas e estrangeiras na exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz no século XX". in Susana Rocha Relvas, Rikki Morgan-Tamosunas e Maria Gómez Bedoya (eds.), *Iberian Interconnections - Conference Proceedings, 2016, Porto, Universidade Católica*
- Quintas, Armando; Pereira, Vanessa Alexandra (2016). "As Minas Portuguesas da Faixa Piritosa Ibérica: A Pirite Alentejana na Economia Nacional Oitocentista". in Susana Rocha Relvas, Rikki Morgan-Tamosunas e Maria Gómez Bedoya (eds.), *Iberian Interconnections - Conference Proceedings, 2016, Porto, Universidade Católica*
- Mapa de pedreiras em Lavra para 1885, Ofício nº 21 da Administração do Concelho de Borba, de 12 de Maio de 1886 e Ofício nº 111 da Administração do Concelho de Estremoz de 13 de Maio de 1886 - Arquivo Distrital de Évora, Fundo do Governo Civil, Secção 03 - Minas, Cx.222, Pç. 18
- Martins, João Miguel Serrão (coord.). (2013). *Por terras do Chapéu de Ferro*, Mértola, Fundação Serrão Martins, Câmara Municipal de Mértola e Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo S.A
- Portas, Leopoldo (1931). "Os mármore de Vila Viçosa" *Album Alentejano, T. II - Distrito de Évora*, Lisboa, Imprensa Beleza.
- Société Anonyme Merbres - Sprimont (1928). Bruxelles, J. Rozez éditeur
- Vasconcelos, José Leite de (1967). *Etnografia Portuguesa, vol. V*, Lisboa, Imprensa Nacional